

ocorre do Pará até S. Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso Os hispano americanos a denominam **Palma Real**, tendo entre nós vários nomes, todos indígenas: Boriti, Carandá-guassú, Moriti, Muriti. É vegetal que foge do litoral, que tem o seu "habitat" no interior, e nisto encontramos uma feliz analogia com a idéia de Brasília. De grande utilidade para o homem, foi para o homem, foi para os desbravadores guia e sinal de vida: "onde existe buriti, tem água", diz o adágio. Dela, tudo se aproveitou: o espique, as folhas, os frutos. De belo porte, ativa, sobranceira e excepcionalmente decorativa, a elegemos como parte dos elementos externos do brasão de armas da nova Capital.

DIVISA — É de Brasília, pela direção de suas águas, que o Brasil tomará conta de si mesmo. Em 1808, abrimos os nossos portos às nações amigas. Hicimos de ser uma colônia fechada e logo nos tornamos independentes politicamente. Brasília é o maior passo dado pelos nossos governos depois de 1803. Com ele vamos abrir o Brasil aos brasileiros, facilitando-lhes o acesso ao interior. Depois da independência política, a independência econômica. O motivo central do brasão, erigindo em símbolo a conjunção das grandes bacias hidrográficas do país, justifica a legenda **AD FONTES AQUARUM**, cuja tradução textual pode ser, a um tempo: "Junto as nascentes das águas". Foi colhida nas primeiras palavras do Versículo I do Salmo 42, versão da Vulgata, e tornou-se frequentemente citada para indicar o senti-

mento de uma busca das origens, do primeiro ponto de partida para um rumo certo. Na direção pois, das águas do Brasil, de que o Flanalto é fonte e origem, caminharemos para o futuro tendo Brasília como elemento propulsor de nosso destino.

SIMPLICIDADE — Os símbolos heráldicos devem ser tanto quanto possível simples, sobretudo se se destinam a países e cidades, não só para facilidade de retenção, como de reprodução. Os brasões de armas, quanto menos complicados, mais nobres, dizem os autores.

Luiz Marques Poliano — (Do Museu Histórico Nacional, Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, etc.)

Rio, março de 1959

Nota da redação — O Sr. Luiz Marques Poliano, Secretário Geral da Sociedade Nacional de Agricultura é, sem dúvida, uma autoridade em heráldica no país, autor de vários e importantes trabalhos publicados nos Anais do Museu Histórico Nacional, na Revista Numismática de São Paulo e na Revista de Estudos Brasileiros. Entre os seus trabalhos destaca-se "Ordens Honoríficas do Brasil", publicado sob os auspícios dos Ministérios da Guerra e das Relações Exteriores, esgotado desde 1943, que veio preencher uma lacuna na literatura especializada sobre o assunto. São ainda trabalhos do Redator-Secretário de nossa revista, os seguintes:

HERÁLDICA — Monografia de concurso à carreira de Conservador de Museus. 1939. Aprovado com nota 100,

AS ARMAS DO VICE-REI LUIZ DE VASCONCELOS — Revista de Estudos Brasileiros, 1940.

A ORDEM DE PEDRO I — Revista Numismática. São Paulo, 1943.

A IMPERIAL ORDEM DA RCSA — Rio, 1941.

ORDENS HONORÍFICAS DO GOVERNO PROVISÓRIO — Anais do Museu Histórico Nacional, Vol. II.

O MÉRITO AERONÁUTICO — O Jornal, Vol. II.

A MAIS VELHA ORDEM ORLEM HONORÍFICA DO HEMISFÉRIO — Revista Numismática, S. Paulo, 1942.

UM PROJETO DE ARMAS DA REPÚBLICA PERPETUADA EM MOEDAS DE CURSO LEGAL — Revista Numismática, 1945.

UMA PEDRA D'ARMAS DO RIO ANTIGO — Anais do Museu Histórico Nacional, Vol. III.

UM PROBLEMA DE HERÁLDICA — Parecer a pedido do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sobre os escudos conjugados que se acham no gradil da Cadeira de Vila Rica.

A COMPOSIÇÃO DAS ARMAS IMPERIAIS — Ilustração Brasileira, setembro de 1945.



Aspecto de uma grande Fazenda de Café (Vista aérea)

Produtividade... Conclusão da pag. 3

feirá anti-econômica, sem justa remuneração para o trabalho e o capital. O próprio cafeicultor já se convenceu não ser possível perdurar uma cafeicultura sem produtividade.

O ilustre governador Carvalho Pinto certamente atentará para o quadro atual da lavoura cafeeira de São Paulo.